

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDEIA DE VERDADE AO LONGO DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILÓSOFICO E A FILOSOFIA CLÍNICA

Marcos Delson da Silveira<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Me. Diogo Janser Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO:

Na Filosofia clássica entende-se a verdade como a capacidade do intelecto adaptar-se a realidade. Esta definição pressupõe, necessariamente, a certeza intrínseca de abstrair a essência do objeto e, isto, dá à linguagem a possibilidade de emitir juízos verdadeiros ou falsos sobre a natureza das coisas contidas no mundo. Obviamente, embora tenha perdurado por certo tempo, essa é uma visão insatisfatória, pois, como é possível saber quando o intelecto está adaptado à realidade? Semelhante insatisfação há na clareza e evidência entendida por Descartes. Facilmente o sentimento de certeza pode induzir ao erro quem o sente, por ser um sentimento dúbio ou construído socialmente. Existe uma grande incerteza em torno da certeza de alguns sobre a possibilidade do homem alcançar e esgotar a verdade das coisas. Talvez seja por isso que Kant condiciona o conhecimento ao fenômeno, descartando a possibilidade do homem conhecer a “coisa em si”. Assim como Kant, a fenomenologia descreve a cognição humana como capaz de descrever o fenômeno que se apresenta à consciência. Em certo sentido, a Filosofia Clínica faz uma análise fenomenológica do sujeito. Partindo em seu método da historicidade do partilhante busca compreender o fenômeno que se revela: a pessoa. A subjetividade do indivíduo é o ponto de partida do filósofo clínico. Somente durante o processo clínico será observado à necessidade ou não de intervenções ou agendamentos para auxiliar o partilhante, foco principal da clínica.

**Palavras Chave:** Verdade, Evidência, Fenômeno, Filosofia Clínica, Subjetividade.

### 1. INTRODUÇÃO

Segundo a etimologia, a palavra Filosofia vem do grego *Philo* + *Sophia* que significa literalmente amigo da sabedoria. Essa palavra foi atribuída a Pitágoras que achando muito o título de sábio (*Sophos*) disse ser filósofo. O filósofo, nesse sentido, tem a verdade

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia; Pós-graduado em Docência Universitária, Filosofia do Direito, Direitos Humanos da Criança e do Adolescente e pós-graduando em Filosofia Clínica. Possui formação complementar Superior em Gestão de Segurança.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Linguagens e Tecnologias; especialista em Psicopedagogia e Pesquisa e extensão; bacharel em História, Teologia e licenciado em Pedagogia.

como busca e não como posse. É na busca ininterrupta durante a história que o “espírito” da Filosofia se faz. Ela carrega o mérito de não ser dogmática, de não se fechar em um sistema de pensamento tornando-o verdade absoluta, mas, simultaneamente, reconhece princípios universais e perenes (HUSIMAN; VERGEZ, p.27).

A descoberta que satisfaz o espírito filosófico centra-se na verdade. A busca milenar e laboriosa revela descobertas a todo o momento. É um corpo histórico, imensurável e glorioso. Daí percebe-se que escrever sobre a verdade é tarefa árdua. Durante a história da Filosofia, os pensadores chegaram a concepções diversificadas sobre o alcance da mente humana, o método e a possibilidade de chegar a um conhecimento satisfatório, mesmo porque a ideia de conhecimento enquanto relação entre um sujeito e um objeto é relativo ao sujeito e ao objeto (HESSEN, 2003, p. 41).

Reconhecendo estes e outros obstáculos, o presente estudo, de cunho bibliográfico, não tem como intuito a pretensão de demonstrar erros ou equívocos segundo uma determinada visão do que seja a verdade. O objetivo principal deste artigo é expor sucintamente a ideia de como se dá a verdade em alguns pensadores e, posteriormente, buscar compreender o conceito de verdade subjetiva inerente ao método de investigação da Filosofia clínica. Dentro da clínica “estar no erro”, por vezes, é aceitável desde que o “erro” seja uma verdade para o partilhante ou o olhar pelo qual ele observa e suporta uma tragédia ou qualquer outro acontecimento. Dentro dessa forma de procedimento, a verdade perde sua característica de necessidade universal tornando-se pragmática e individual. Nesse ponto há fortes críticas em relação ao método da Filosofia Clínica.

Sendo assim, espera-se que este artigo sirva como fonte de reflexão para futuros estudos na área da Filosofia Clínica. Simultaneamente, espera-se, que possa servir como meio de esclarecimento para o campo epistemológico do método fenomenológico que se utiliza o filósofo clínico. A verdade é um caminho percorrido ao longo da história humana, mas o grande mistério que é o homem apenas está sendo tracejado e, acredita-se, que a Filosofia Clínica, em suas limitações metodológicas, contribua na compreensão das dimensões extraordinárias do ser humano. A Filosofia Clínica, como qualquer outro estudo, está aberta a interrogações. O problema é quando alguns estudiosos criticam sem conhecer de fato o viés filosófico da clínica. Ao longo do texto ficará nítido que a Filosofia Clínica não prega o arbítrio incontrolável da subjetividade, o que seria uma irresponsabilidade, mas sim, busca meios dentro da Estrutura de Pensamento do partilhante, para compreender como é o mundo que o olho dele vê e até que momento é prejudicial para ele e a sociedade sua forma de ver a

“realidade”. O objetivo não é enquadrar a pessoa em estereótipos, mas compreender a humanidade que pulsa diante os olhos clínicos. E assim, caso seja necessário, fazer intervenções naquela mente que se revela.

## 2. CONFORMIDADE DO PENSAMENTO/DISCURSO COM A REALIDADE

Em Platão<sup>3</sup>, Aristóteles e Tomás de Aquino, embora com suas peculiaridades, tem-se em comum a concepção de que a verdade é a adaptação do pensamento/discurso com a realidade. O pensamento capta a essência da realidade e a linguagem diz o que ela é. É com essa percepção, no livro Sofista, que as personagens Estrangeiro e Teeteto afirmam que o discurso é necessariamente sobre algo e que cada discurso possui uma qualidade de falso ou verdadeiro (PLATÃO 1972, p. 196-7). Quando a palavra diz o que a realidade é possui verdade, quando não diz, não possui. Veja que a verdade está no juízo e não na realidade. Embora a linguagem às vezes atribua verdade ou falsidade aos objetos (os dentes são postiços), a verdade e a falsidade não qualificam os objetos (não tem sentido eu falar a lua é verdadeira), mas o valor de nossa asserção (a lua cheia é linda! Agora sim, tem critério de verdadeiro ou falso nessa asserção) (HUSIMAN; VERGEZ, p.274).

Aristóteles (2002, p. 261) trabalha o conceito lógico de verdade, assim como o seu mestre Platão, no livro intitulado de Metafísica: “uma noção falsa é aquela que, justamente enquanto falsa, são noção das coisas que não são: por isso toda noção é falsa quando diversa daquela que é verdadeira: a noção de círculo é falsa quando referida ao triângulo”. A falsidade ou a verdade do argumento não está nos objetos cognoscíveis, mas no pensamento do sujeito cognoscente: “a combinação dos conceitos de sujeito e predicado (...) dão-se no pensamento e não nas coisas” (NUNES, 1978, p. 30). Para o Estagirita, a mente humana é capaz de captar a essência das coisas. É através dos sentidos que o intelecto é abastecido. A mente humana capta o particular e a razão universaliza os signos. Diferente de Kant, por exemplo, Aristóteles não acredita que a razão faça ciência. A verdade existe na razão, enquanto essa está em conformidade com a realidade (NUNES, 1978, p. 30). Por exemplo: a ideologia de gênero é uma ideologia marxista. Sabe-se que o sexo é atributo biológico. O gênero é pragmático e, por

---

<sup>3</sup>Platão, no Fédon (2002; p. 39-40), argumenta sobre a Reminiscência, isto é, que todo conhecimento humano é recordação. Fundamentado na ideia de reencarnação afirma a preexistência das almas no mundo suprasensível, onde contempla as essências antes de se prender ao corpo. O conhecimento apodítico é possível pelo fato da alma ter contemplado as ideias. Santo Agostinho, embora seja platônico e não ignore os conhecimentos sensíveis, recusa, por causa da fé cristã, a ideia de reminiscência. Para ele, o homem conhece as verdades eternas por meio da iluminação divina: É “a iluminação (...) que nos torna visíveis e compreensíveis às verdades eternas: uma luz mediante a qual Deus irradia na mente humana as verdades absolutas, imutáveis” (MONDIM, 1981, p. 139).

isso, pode não condizer com a realidade. Em outras palavras, não há um sexo construído socialmente, mas é verdade que existem opções sexuais ligadas à liberdade humana de escolha.

Embora em outras condições históricas, Tomas de Aquino<sup>4</sup> afirma, semelhante a Aristóteles, que a verdade está no intelecto e não nas coisas, mas são as coisas que comprovam a verdade do intelecto, que torna o juízo verdadeiro: “A verdade existe no intelecto, que apreende a realidade como ela é; e, na realidade, enquanto tem o ser conforme o intelecto” (AQUINO, 1973, p. 170). Assim, se alguém afirmar que a água está gelada e realmente estiver gelada, a verdade do juízo está no fato da água estar realmente gelada. Se posteriormente a água ficar quente, isso não quer dizer que o juízo estava errado, somente mudou a disposição do objeto. Perceba que a verdade é mutável porque o intelecto humano muda. Para o santo católico, a verdade é imutável somente no intelecto divino: “A verdade do intelecto divino é imutável; ao passo que é mutável a do nosso, não porque seja sujeito a mutação, mas porque o nosso intelecto se muda da verdade para a falsidade” (AQUINO, 1973, p. 175). O intelecto divino, por ser ato puro, não muda, pois “só o intelecto divino é eterno, só nele a verdade tem sua eternidade” (AQUINO, 1973, p. 173). Por isso, a razão oferece imperfeitamente aqueles conhecimentos que a fé é capaz de dar perfeitamente. A fé aperfeiçoa a razão. A razão é comum aos homens, por isso partindo da razão é possível ao homem chegar a Deus, mas somente com a fé é possível compreender a dimensão em que Deus é uno e trino (AQUINO, 1973, p. 70). Tomás de Aquino busca a junção entre a fé e a razão como requisito para conduzir o homem à verdade eterna: Deus.

Tanto para Platão, como para Aristóteles e Tomas de Aquino a verdade é conformidade do pensamento/linguagem a realidade. Isso não quer dizer que a verdade seja um reflexo das coisas no mundo, pois “todo juízo verdadeiro é uma reconstrução inteligível do real, supõe um trabalho do espírito e não é um mero reflexo passível” (HUISMAN; VERGEZ, 1968, p.276). A adequação/conformidade do pensamento não funciona como se a mente fotografasse o ambiente. O juízo é um ato cognitivo que para se confirmar é necessário que o intelecto de forma ativa capte do ambiente as formas intelectuais dando-as fidelidade ou não.

---

<sup>4</sup>A Idade Média está sob o paradigma teocêntrico. A verdade é Deus revelado na Sagrada Escritura. Os filósofos cristãos cômicos da verdade dos ensinamentos de Jesus Cristo, não precisam, necessariamente, buscar a verdade, mas vivê-la. Os padres da Igreja, neste período, buscam esclarecer a fé cristã e purificá-la das heresias e, para isso, escreveram uma série de livros e tratados. “Nascia o filosofar na fé” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 434).

Eu preciso ter noção prévia da mesa e de brancura para poder formular o juízo: ‘essa mesa é branca’. Por isso, no ato de julgar, o intelecto revela-se eminentemente ativo, e a adequação resultando de um juízo fiel ao real não se reduz à mera cópia, mas equivale a verdadeiro selo de fidelidade, à verdadeira marca ou comprovação de que na mente se operou uma identificação de forma idêntica à união das mesmas na própria realidade independente do sujeito pensante (NUNES, 1978, p. 41).

Existe um trabalho espiritual na formulação do juízo sobre a realidade. Ao captar a imagem sensível por meio da abstração, o intelecto para gerar a ideia e, posteriormente, o juízo e os raciocínios precisa previamente e abstratamente conter as ideias para adaptá-las a realidade. Quando a percepção subjetiva estiver errada deve ser corrigida segundo a concepção objetiva. Existe uma verdade subjetiva que está ligada a percepção do indivíduo, mas existe uma verdade além desta percepção. Por exemplo: Um professor afirma que a mesa tem quatro gavetas. O aluno olhando para a mesa, diz que não. Então o professor levanta-se da sua cadeira e diz ao aluno que se sente em seu lugar. Quando este se senta percebe que realmente do lado direito do professor existem gavetas. O professor do ponto de vista do objeto está certo, mas o aluno do ponto de vista do sujeito também estava certo. Por isso se diz que a verdade é uma relação entre um sujeito e um objeto, e depende do ponto de vista do sujeito e da colocação no espaço do objeto. Uma coisa é descrever a Terra da cidade de Anápolis e outra é descrevê-la da Lua.

### **3. RENÉ DESCARTES E AS IDEIAS CLARAS E DISTINTAS<sup>5</sup>**

O filósofo francês René Descartes (1596-1650) acreditava que a verdade se revelava por si mesma ao espírito. O juízo verdadeiro é conhecido por sua capacidade intrínseca de revelar-se por si mesmo. A ideia verdadeira manifesta-se de forma tal que o sujeito não pode duvidar de sua percepção, semelhante se manifesta o erro. No livro *Discurso do Método*, Descartes (2008, p. 36), o conhecimento verdadeiro apresenta-se de forma clara e distinta, assim com a certeza de que o “eu” pensa: “Imediatamente notei que, enquanto queria pensar que tudo fosse falso, era preciso necessariamente que eu que o pensava fosse alguma coisa; e notando que essa verdade, *penso, logo sou*, era tão firme e tão segura” que nem os

---

<sup>5</sup>Na Idade Média, as reflexões partem do Criador para depois ir ao homem e ao mundo. A verdade maior é Deus, sendo que as reflexões humanas devem tender a esse Deus. Já na Idade Moderna o centro de tudo é o homem. É o período da Renascença que “assinála o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna (...) impõe-se um novo modo de pensar e de agir bastante contrastante com o precedente: antes o centro das preocupações humanas era Deus; agora é o homem” (MONDIN, 1981, p. 08).

céticos poderiam abalá-la. A certeza de tal argumento está na clareza de que para pensar é preciso ser.

A noção Cartesiana de ideias claras e distintas parte do princípio do qual deduz, sendo, segundo o próprio pensador, meio difícil perceber as ideias concebidas distintamente (DESCARTES, 2008, p. 36). Pode acontecer do sentimento de certeza induzir ao erro quem o sente, por ser um sentimento dúbio ou construído socialmente: “Muitas vezes as paixões, os preconceitos, as tradições nos fornecem falsificações de evidências. Temos tendência a considerar como claras e evidentes as opiniões que nos são mais familiares”, por mais erradas que possam estar (HUISMAN; VERGEZ, 1968, p. 275).

Nietzsche, no livro *Para Além do Bem e do Mal* (2012, p. 43-4), afirma que Descartes e todos que acreditam em “certezas imediatas” são ingênuos. O “eu penso” de Descartes é uma superstição. Assim diz o filósofo:

Como se o conhecimento chegasse a discernir o seu objeto, pura e simplesmente, como “coisa em si”, como se não houvesse falsificação, quer por parte do sujeito, quer por parte do objeto. Mas hei de repetir cem vezes que a “certeza imediata”, do mesmo modo que o “conhecimento absoluto” e a “coisa em si” encerram uma *contradictio in adjecto*<sup>6</sup>. Dever-nos-íamos libertar da sedução das palavras! Que o povo acredite que o conhecimento consiste em conhecer uma coisa até ao fim vá lá, mas o filósofo deve dizer: “Quando eu analiso o processo expresso na proposição ‘eu penso’ obtenho uma série de afirmações temerárias difíceis, se não impossíveis de fundamentar”. Afirmações do tipo: que sou eu quem pensa, que tem de existir em absoluto algo que pensa, que pensar é uma atividade e o efeito de um ser considerado como causa, que existe um “eu”, enfim, que já está estabelecido o que se deve entender por pensar, que eu *sei* o que é pensar.

A crítica de Nietzsche é acentuada. Como, após a dúvida metódica, é possível ter a certeza do “eu” que pensa relacionando essa certeza ao princípio de causalidade? Para o filósofo, Descartes almeja a verdade a qualquer custo. A verdade não se encerra e “a vontade de verdade ainda nos há de arrastar para muitas aventuras” (NIETZSCHE, 2012, p. 33). Nietzsche é um filósofo que condiciona a verdade ao desdobramento histórico. Para ele não existe valores/verdades absolutas. Esses valores e essas verdades absolutas são convencionados para favorecer uns em detrimento de outros.

De fato, existem valores que são construídos em determinados contextos sociais. Padrões comportamentais de determinadas épocas são deixados de lado ou simplesmente esquecidos. No contexto do medievo, por exemplo, Deus estava no centro. Na modernidade,

---

<sup>6</sup> Uma contradição em termos

com a Renascença, mudou o paradigma e o homem assumiu o centro. Nietzsche ao afirmar que os valores não são absolutos estava centrando seu olhar na história e nas diversas formas de comportamento ao longo dos milhares de anos desde que o homem assumiu sua racionalidade<sup>7</sup>. A “evidência” cartesiana não é uma evidência confiável, pois poderá partir de um equívoco cultural ou subjetivo.

#### **4. APRIORISMO: O INTELECTO NÃO CAPTA A REALIDADE “EM SI”**

O filósofo Kant faz parte do idealismo alemão que, como filósofo Hegel, chega ao extremo do Panlogismo<sup>8</sup>. Para Kant, embora a experiência forneça o objeto, isto é, a matéria do conhecimento, é necessária a ação do sujeito para dar forma ao objeto<sup>9</sup>. Essa ação do sujeito é *a priori*, e está ligada a duas faculdades da intuição: a sensibilidade e o entendimento. Pela sensibilidade o sujeito cognoscente apreende o objeto cognoscível. Já o entendimento leva-o a pensar o objeto. Por isso, todo pensamento direto ou indireto refere-se à intuição (KANT, 2000, p. 71).

“O ponto de partida do conhecimento é a sensação, isto é, a impressão produzida por um objeto na sensibilidade”. A intuição resultante dessa impressão é uma intuição empírica; “e chama-se fenômeno o objeto dessa intuição empírica” (PASCAL, 1990, p.49).

---

<sup>7</sup>Nietzsche (1844-1900), no livro *A Genealogia da Moral*, faz uma forte crítica aos valores morais. Afirmou que não mais se preocupou, como fazia quando era uma criança, em procurar a “origem do mal para além do mundo”. Segundo ele, partindo de um pouco de educação histórica e filosófica, abandonou a pergunta “qual é a origem de nossa ideia do bem e do mal” e tentou responder a pergunta “de que modo inventou o homem essas apreciações ‘o bem e o mal’?” A ideia moral perde sua identidade transcendente, o que ele chama de “preconceito teológico”, e torna-se construção histórica. Para o filósofo os valores morais precisam ser questionados, e quem assim o fizer, verá vacilar “sua fé na moral”. Afirma que é indispensável “uma crítica dos valores morais” e, para isso, “é necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se desenvolveram e nos quais se deformaram”. Para isso parte de uma nova perspectiva: E se o “bom” for sinal de retrocesso que leva o homem a dar sua vida no presente em detrimento do futuro? “E se o contrário representasse a verdade?” E se a moral for uma forma de aprisionar o homem impedindo-o de chegar ao mais alto grau do seu esplendor? “E de modo que entre todos os perigos fosse justamente a moral o perigo por excelência?” (NIETZSCHE, 2009, p. 17-21).

<sup>8</sup>Para Hegel o princípio de tudo e tudo é a mesma coisa: Panlogismo. No princípio de tudo existia o espírito que se desdobra de forma dialética. O conceito de espírito não é entendido como substância, mas como sujeito, como movimento. Há uma tríade intrínseca a esta percepção de espírito: o espírito Subjetivo, o espírito Objetivo e o espírito Absoluto. Por sua vez, cada espírito em específico se manifesta de três formas na história: O espírito Subjetivo: Alma, Consciência e Razão; o Espírito Objetivo: Direito, Moralidade e Costumes e o Espírito Absoluto: Arte, Religião e Filosofia. Hegel reduz a realidade à lógica. O seu idealismo com caráter racionalista se resume na frase: “O real é racional, o racional é real”. A realidade é análoga ao pensamento. “Todo real só é real porque é conhecido por um sujeito que lhe identifica como real, e, nessa medida, aquilo que já foi conhecido, já se tornou racional” (BITTAR; ALMEIDA, 2012. p. 347-8). É bom notar que afirmar que “O real é racional, o racional é real” não é o mesmo que afirmar que *todo* o real é racional, e *todo* o racional é real, pois não há racionalidade como o que pode ser identificado com o Caos ou a desordem (idem, p. 348).

<sup>9</sup> “Por formas a priori devem entender-se os quadros universais e necessários através dos quais o espírito humano percebe o mundo” (PASCAL, 1990, p. 40).

As sensações “são completamente desprovidas de determinação e de ordem” e para organizar as sensações são necessárias às formas de intuição e do pensamento: espaço e tempo. “A consciência cognoscente introduz ordem no tumulto das sensações na medida em que as ordena espacial e temporalmente na simultaneidade ou na sucessão” (HESSEN, 2003, p. 63). Percebemos a realidade sempre dentro do espaço e do tempo e os dados captados são organizados pelo entendimento segundo certas categorias: espaço, tempo, lugar e outras (CONTRIN; FERNANDES, 2010, p. 247).

O homem não apreende a “coisa em si”, mas o que o espírito humano limitado é capaz de apreender, o fenômeno. Só percebemos as coisas como elas se apresentam a nós, por meio da intuição.

Imagine uma pessoa que pela primeira vez visita a praia de Copacabana. Ficando maravilhada com a beleza do Oceano, resolve depositar um pouco da água dentro de um recipiente com o intuito de guardá-la como lembrança ao retornar para Anápolis. Em analogia com o exposto sobre Kant, imagine que o copo é a mente humana com os moldes a priori, que é o formato do copo, e o Oceano é a “coisa em si”. O copo vai em direção ao Oceano e capta o quanto comporta em seu interior. Assim, ele não vai carregar toda a água do Oceano, mas a que está dentro do copo [...] (SILVEIRA, 2014, p. 50).

A filosofia de Kant é Apriorista. Enquanto a sensibilidade nos oferece os dados dos objetos, estes como se apresentam a nós, o entendimento conduz o modo operante pelo qual o objeto será pensado. Assim diz Kant (2000, p. 91) a este respeito: “Nossos conhecimentos surgem de duas fontes principais, cuja primeira é a de receber as representações [...] e a segunda a faculdade de conhecer um objeto por estas representações”.

A visão kantiana conduz a reflexão a imaginar que tanto o sujeito como o objeto possuem suas peculiaridades na arte de conhecer. O objeto que oferece os signos e o sujeito que capta e opera sobre esses signos. Nessa percepção o sujeito é ativo. Após apreendido os signos é o sujeito que dá significação e realidade a eles em suas formas *a priori*. Kant rompe com a Metafísica tradicional ao afirmar que o indivíduo não conhece a “realidade em si” ou que as ideias produzidas por nossa razão não corresponde a uma realidade verdadeira e externa. Na revolução copernicana do conhecimento ele tentou demonstrar que a razão não depende das coisas.

Também, Kant distinguiu duas formas de juízos, os analíticos e os sintéticos. “Juízo analítico são aqueles em que a conexão do predicado com o sujeito for pensada com identidade” (KANT, 2000, p. 58) como, por exemplo, a afirmação “o círculo é redondo”.

Juízos sintéticos são aqueles em que a conexão do predicado como o sujeito não é pensada com identidade como, por exemplo, “os corpos se movimentam”. Mas a grande descoberta de Kant é a da existência dos “juízos sintéticos a priori<sup>10</sup>”, pois além de serem universais e necessários, como os analíticos, permitem ampliar o conhecimento (PASCAL, 1990, p. 38-9).

Para Kant os juízos sintéticos a priori estão presentes na matemática e na física e se o filósofo quiser provar a existência e validade da Metafísica Tradicional deverá provar que os conceitos metafísicos são possíveis “em si”, caso contrário, é melhor acordar do “sono dogmático”. Para o filósofo, só é possível um estudo metafísico se esse tiver como objeto “as condições universais e necessárias da objetividade em geral e não o ‘Ser enquanto Ser’ nem Deus, nem alma e mundo [...] a Metafísica é o conhecimento do saber humano e da experiência humana” (CHAUÍ, 2013, p. 201). Não é incoerente falar de Deus, da alma e do infinito, como fazia a metafísica antes da gnosiologia kantiana, mas esses conceitos devem ser estudados a luz da razão, portanto ganhando outros significados.

## 5. FENOMENOLOGIA

Na fenomenologia não existe “a coisa em si”, assim como falou o filósofo Kant, tudo é fenômeno. A consciência si difere do fenômeno porque é ela que dá sentidos aos fenômenos que se lhe apresentam. A filosofia é fenomenologia pelo fato de ter como objetivo descrever os fenômenos que se apresenta a consciência cognoscível. Fenômeno é tudo o que existe naturalmente ou foi inventado pelo gênio humano.

Husserl (*apud* CHAUÍ, 2013, p. 208), dá ênfase à consciência humana. Visão que a fenomenologia posterior tenta superar ao afirmar que uma vez no mundo somos capazes de dar sentidos a nós e ao mundo, transformá-lo e torná-lo inteligível. O corpo do homem é habitado e animado por uma consciência.

Não somos pensamento puro, pois somos um corpo. Não somos uma coisa natural, pois somos uma consciência [...] A realidade é o campo formado por seres ou entes diferenciados e relacionados entre si que possuem sentido em si mesmos e que também recebem de nós outros e novos sentidos. A realidade ou o Ser não é objeto-coisa, sem a consciência. Mas, também, não é o Sujeito-consciência, sem as coisas e os outros (CHAUÍ, 2013, p. 208).

---

<sup>10</sup> Com base nos juízos sintéticos a priori Kant nega a Metafísica.

A realidade se revela na relação recíproca entre os entes ou seres e as diversas realidades construídas com sentidos próprios que se entrelaçam, através dos vários modos de comunicação, e se ampliam.

## **6. AS VERDADES NA FILOSOFIA CLÍNICA**

A Filosofia Clínica, por se tratar de clínica, parte da historicidade do indivíduo. A historicidade não é a história de vida da pessoa, mas como ela vive essa história, é a interpretação que ela faz de sua própria trajetória. Para se entender um livro é necessário lê-lo e, em grosso modo, para compreender o partilhante é necessário ler/escutar o livro da vida escrito e contado por ele. Entender como ele vê, observa e compreende a “realidade”. É necessário entender a sua vivência, sua percepção diante as coisas (AIUB, 2010, p. 45).

Para desempenhar tal tarefa, torna-se necessário os exames categoriais, constituídos por cinco categorias: assunto, circunstância, lugar, tempo e relação. As Estruturas do Pensamento e os Submodos são observados a partir dos exames categoriais. O assunto se divide em imediato e último. O primeiro, imediato, é o que faz a pessoa procurar a clínica, e o segundo, último, é para onde a clínica se dirige; A Circunstância faz referência ao que rodeia o partilhante em seu mundo; O Lugar refere-se ao local existencial da pessoa que expõe sua historicidade de vida; A categoria Tempo é dividida em Cronológico, a hora do relógio, e subjetiva, o momento existencial do partilhante; e, por último, a categoria Relação, tanto consigo, como com os demais locais e pessoas (AIUB, 2010, p. 46-50).

No desenrolar do procedimento clínico, na Estrutura do Pensamento, o filósofo clínico, observa como aquele ser humano que está diante dele observa a si próprio, o mundo, as relações cognoscitivas com o mundo e os outros, espiritualidade, corporeidade, emoções etc. É feita uma escuta e posteriormente uma análise mais profunda em determinados pontos, chamado de enraizamento. Nos enraizamentos pode ser realizado um procedimento chamado de intencionalidade dirigida, isto se dá porque o filósofo clínico é corresponsável pelo partilhante em clínica. É necessário, às vezes, segundo a historicidade de vida do partilhante preencher alguns vazios que são essenciais para o bom andamento da partilha (AIUB, 2010, p.51-2).

Em seguida, nos submodos é observado o agir. Após analisada a estrutura do pensamento, observa-se os modos como à pessoa lida com suas questões existenciais. “Em suas observações, o filósofo clínico deverá identificar não apenas quais são os Submodos utilizados, mas de que maneira o partilhante os utiliza e quais os resultados disso” (AIUB,

2010, p. 55). Os submodos são modelos sem conteúdos que precisam ser estudados dentro da estrutura de pensamento do partilhante.

Eduardo ama Adélia e manda flores amarelas perfumadas a ela. O amor que Eduardo sente é o que está na estrutura de pensamento dele. O ato de entrar na floricultura, escolher algumas flores, comprá-las e depois endereçá-las à Amélia se constituindo Submodo informal que Eduardo encontrou para expressar o que estava na estrutura de pensamento dele (PACKTER, 2008, p. 56).

A clínica tem como fonte de estudos o partilhante. É necessário escutar o mundo dele. Esse é o primeiro modelo de verdade observado pelo filósofo clínico: a subjetividade, como se dá o mundo do “outro”, como o “outro” vê a “sua realidade”, senti, reage, pensa o mundo que se lhe revela. Em termos filosóficos é a representação que o partilhante tem da realidade. Isso não quer dizer que a filosofia clínica reduza o mundo a representação da pessoa. Para melhor compreender, Sartre (1970, p. 05) afirmava que “não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser.” Quando o homem faz uma escolha para si ele escolhe por toda a humanidade: “a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja<sup>11</sup> a humanidade inteira<sup>12</sup>” (1970, p. 05). Pro isso, além da verdade subjetiva, existe uma verdade convencionada, isto é, uma forma de verdade elaborada e seguida em conjunta pelos membros de uma sociedade. No Brasil, por exemplo, a poligamia é crime e moralmente rejeitada pela sociedade, enquanto em outros países é legal e moralmente aceita. Explica Packter (2008, p.16-7) que:

muitas vezes a verdade subjetiva de uma pessoa pode se associar harmoniosamente, ou colidir, ou negar, ou aumentar, ou refletir, ou evitar a verdade convencionada. Imagine o que aconteceria se você resolvesse namorar as mulheres de seus amigos exatamente na sociedade em que vivemos... Portanto, mesmo que cada um tenha uma verdade própria, isso não quer dizer que a pessoa tenha o direito de fazer aquilo que lhe dá vontade sem ter que prestar contas por isso.

---

<sup>11</sup> “Engajamento significa a necessidade de se voltar para a análise da situação concreta, como responsável pelas mudanças sociais e políticas de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária porque o indivíduo compromete-se com a ação” (ARANHA; MARTINS, 2013, p.197).

<sup>12</sup> “Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente da minha situação, ou da minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia” (SARTRE, 1970, p. 05).

Perceba que a filosofia clínica não prega ou ensina o arbítrio da subjetividade ou a ditadura da mesma. A percepção e compreensão da verdade subjetiva é uma “estratégia” para buscar perceber o fenômeno que se revela diante a fala ou qualquer outro meio utilizado pelo partilhante, propiciando a hermenêutica do fato e sua significação. Caso contrário, como seria possível a clínica?

O método fenomenológico utilizado pela Filosofia clínica, no estudo do indivíduo e sua “aparência”, é apropriado para tal questão, pois se utilizasse a ideia clássica de verdade deixaria ausente “as interpretações e significações tão pessoais que [...] nos informa sobre quem é esse ser humano que está diante de nós, pois este é também fruto de suas vivências e interpretações subjetivas” (AIUB, 2004, p. 35-6). Se o filósofo clínico quisesse impor uma forma “verdadeira” de apreciar a realidade não iria ajudar o partilhante, mas esculpi-lo segundo o que ele acredita ser a verdade.

A ideia clássica de verdade fundamenta-se na relação entre sujeito e objeto. Com a fenomenologia não se conhece o objeto, mas o fenômeno como se apresenta a consciência. A consciência é consciência de algo, de um fenômeno que não se esgota. Sendo sempre consciência de algo, não há uma consciência pura como pretendia Descartes e nem “objeto em si”, como almejavam os empiristas, os objetos sempre estão em relação a um sujeito que lhe dá significação. Não há a adaptação do intelecto a essência da realidade, mas ao fenômeno que se apresenta a consciência. É a consciência que dá a realidade os adjetivos que a qualificam: “a consciência é doadora de sentidos [...] o nosso olhar é o ato pelo qual temos a experiência vivida da realidade percebendo, imaginado, julgando, amando...” (ARANHA; MARTINS, 2009, p.198).

No método fenomenológico surge o alicerce epistemológico da Filosofia clínica: a interpretação do indivíduo como ele se apresenta, como se deixa conhecer. Não há uma pessoa pronta e acabada, assim como não há valores e verdades preconcebidas sobre como é ou como deveria ser aquele ser que se manifesta. Essa posição de neutralidade do filósofo clínico (*Epoché*<sup>13</sup>) em relação à verdade é um método para compreender a vivência que se delata, se revela, se apresenta. Somente em caso de necessidade a verdade subjetiva será confrontada com a verdade convencional, pois não há verdades perenes, há sempre elementos prováveis quando se almeja algo, mas “trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis”. Se os possíveis que considero não

---

<sup>13</sup> O filósofo cético Pirro diz que é necessário fazer *epoché*, isto é, a suspensão dos juízos.

estão envolvidos na minha ação é melhor desconsiderá-los, pois nada poderá reduzir o mundo as minhas vontades (SARTRE 1970, p. 18).

Parafraseando Sartre (1970, p. 18-9), o ponto de partida é o subjetivismo individual, o *cogito*, a consciência que apreende a si mesma e nisto que o homem se difere dos objetos: ele existe, isto é, tem consciência de si. No *cogito* o homem toma consciência de si, mas também dos outros homens que o cerca: o homem se dá conta

que só pode ser alguma coisa [...] se os outros o reconhecem como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável a minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa ou só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamamos intersubjetividade e é nesse mundo em que o homem decide o que ele é e o que são os outros (SARTRE, 1970, p. 13).

Para Sartre, no homem, na falta de uma natureza ou uma essência que o defina, existe uma “universalidade humana de *condição* [...] Qualquer projeto, por mais individual que seja, tem um valor universal” (SARTRE, 1970, p. 19). Um projeto desenvolvido por um homem pode ser entendido por outro, pois há uma universalidade do homem que não é dada *a priori*, mas construída. Acreditamos que neste sentido a filosofia clínica parte do subjetivo, daquele outro, para na historicidade, na estrutura de pensamento analisar o que às vezes nem mesmo aquele que partilha sabe de si mesmo. Preencher, se necessário, algumas lacunas que ajudarão o partilhante na compreensão da sua dimensão existencial.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro tópico deste artigo, de forma introdutória, observou-se a ideia clássica de verdade. Para os filósofos citados, neste primeiro tópico, a verdade está fundamentada em um princípio lógico. A Filosofia Clínica não trabalha com questões puramente lógicas quando se relaciona a uma definição do que seja a verdade. O mundo subjetivo elabora verdades que devem ser respeitadas pelo filósofo clínico. Por isso, a verdade subjetiva, de adaptação do mundo a mim, é necessária para entender a pessoa que se apresenta. Não é condição absoluta para clínica, mas é aceitável para o desenvolvimento da compreensão da Estrutura do Pensamento e outros meios utilizados no desenrolar da clínica.

Foi observado, também, que alguns filósofos negam a possibilidade de uma verdade absoluta ou de captar a realidade como um todo. Assim, a Filosofia Clínica, não deposita seus princípios em verdades absolutas ou rótulos pré-elaborados. Ela parte da

premissa que o homem é um ser que se constrói no dia a dia. É tão válida como a realidade exterior, a realidade interior. Compreender o “outro” descontextualizando-o, de certa forma, é negá-lo. A subjetividade é o auxílio do filósofo clínico, assim como o livro é do pesquisador. Não se faz pesquisa com um livro só. Por isso, muitas vezes o compartilhamento possibilita o convencionalismo. O partilhante é objeto da intencionalidade do filósofo clínico, perceber seu mundo é perceber sua essência e intervir em seu mundo é viável estritamente em casos de necessidades.

Bem, enquanto religioso, o autor deste escrito acredita na verdade absoluta revelada na pessoa de Jesus Cristo. Acredita, enquanto estudante de Filosofia, em verdades universais, como os princípios lógicos. Acredita, também, que além de verdades subjetivas existem verdades do Homem (universal) que o faz ser o que é. Mas vê no método da Filosofia Clínica, enquanto partindo da historicidade, absoluta coerência. As pessoas que estudam esse ramo da Filosofia facilmente se deixam vencer pelos pré-juízos quando percebem que o levantamento da historicidade do partilhante é o primeiro passo de todo um trabalho que posteriormente deve ser realizado. Perceba que, para a Filosofia Clínica, retirar a pessoa de seu mundo petrificado pelo tempo seria uma forma de sacrificá-la em nome da “verdade absoluta” e do agora. Por isso, o filósofo clínico, estudando a historicidade do indivíduo tem uma tarefa de responsabilidade, primeiro, com a pessoa que está diante dele e, segundo, com a sociedade a qual eles fazem parte direta. A verdade na clínica torna-se absoluta quando é aceita de forma respeitosa, quando não provoca males a outras pessoas e acima de tudo, quando tem um referencial sólido que leve o “fenômeno humano” a ser feliz.

A verdade Absoluta para o autor é o Deus cristão. Existe um princípio criador de todas as coisas que na plenitude dos tempos enviou seu filho Jesus Cristo, que teve morte de cruz, para que tenhamos vida em abundância, isto é, vida eterna. Esse mesmo Jesus, embora pregasse a verdade e fosse a própria Verdade, operava dentro dos limites da liberdade humana de falar, ouvir e aceitar ou não a Ele. Assim é a verdade: se ausenta quando o homem fecha os ouvidos, de forma alguma se impõe. Pessoas como o autor deste artigo precisam aprender muito sobre o mundo, o homem e Deus antes de clinicarem alguém, pois seria inconcebível, a essas pessoas, ouvir o outro antes de ouvirem a si mesmas.

SOME CONSIDERATIONS ON THE IDEA OF TRUTH ALONG THE THOUGHT  
HISTORY PHILOSOPHICAL AND PHILOSOPHY CLINIC

## **ABSTRACT**

In classical philosophy it means the truth as the intellect's ability to adapt to reality. This necessarily presupposes the intrinsic sure to abstract the essence of the object, i.e, the language gives the possibility of issuing true or false judgments about the nature of things contained in the world. Obviously, although it lasted for a while, this is an unsatisfactory view, therefore, how to know when the intellect is adapted to reality? Such dissatisfaction is in the clarity and evidence understood by Descartes. Easily the feeling of certainty can mislead those who feel, as a dubious feeling or socially constructed. There is great uncertainty about the certainty of some of the possibility of man reaching and running out the truth of things. Maybe that's why Kant conditions the knowledge to the phenomenon, ruling out the possibility of man know the "thing in itself". Like Kant, phenomenology describes human cognition as able to describe the phenomenon that presents itself to consciousness. In a sense the Clinical Philosophy is a phenomenological analysis of the subject. Starting in his historicity of the sharer method seeks to understand the phenomenon that reveals the person. The subjectivity of the individual is the starting point of the clinical philosopher. In this sense the clinical philosopher part of a subjective truth. In addition to the subjective actually sees the possibility of a conventional truth.

**Keywords:** Truth, Evidence, Phenomenon, Clinical Philosophy, Subjectivity.

## **8. REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO, Aurélio. Confissões. São Paulo: Paulus, 1997

AIUB, Mônica. Para entender filosofia clínica: o apaixonante exercício do filosofar. Rio de Janeiro: Wak, 2010

AQUINO, Tomás de. Súplica contra os gentios. São Paulo: Abril cultura, 1973

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2009

ARSITÓTELES. Metafísica. São Paulo: Loyola, 2002

BITTAR, C. B Eduardo; ALMEIDA, Guilherme Assis de. Curso de Filosofia do Direito. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2012

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à Filosofia. São Paulo: Ática, 2013.

CONTRIN, Gilberto; FERNANDES, Nirna. Fundamentos de Filosofia. São Paulo: Saraiva, 2010

DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martin Claret, 2008

HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003

HUISMAN, Denis; VERGEZ, André. Compendio moderno de Filosofia: O conhecimento VL. II. São Paulo: Freitas Bastos, 1968

KANT, Immanuel. Critica da razão pura: coleção os pensadores. São Paulo: Nova cultura, 2000

PASCAL, Georges. O pensamento de Kant. Petrópolis: Vozes, 1990

PLATÃO. Fédon. São Paulo: Martin Claret, 2002

\_\_\_\_\_. Coleção os pensadores: Banquete, Fédon, Sofista e Políticos. São Paulo: Victor Civita, 1972

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Genealogia da Moral. Tradução de Antônio Carlos Braga. 3ª ed. São Paulo: Ed. Escala, 2009.

\_\_\_\_\_. Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do futuro. São Paulo: Martin Claret, 2012

NUNES, Ruy Afonso da Costa. A ideia de verdade e a educação. São Paulo: Convívio, 1978

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo e um Humanismo - Traduzido por Rita Correia Guedes. Paris: Nagel, 1970, texto online

SILVEIRA, Marcos Delson da. “Brincando de Filosofar”: sucintas reflexões. Goiânia: Kelps, 2014